

**unac**



União da Floresta Mediterrânica

# Boletim do Mercado da Pinha

## Campanhas 2012/2013 e 2013/2014



Cofinanciamento:



União Europeia  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

[www.unac.pt](http://www.unac.pt)  
**unac**  
união da floresta  
mediterrânica

## **FICHA TÉCNICA**

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: edrv lda.

Tiragem: 2500 exemplares

Lisboa, Março 2014

### **A UNAC União da Floresta Mediterrânica**

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais.

Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agro-florestais e cerca de 16.000 produtores.

### **UNAC-UNIÃO DA FLORESTA MEDITERRÂNICA**

R. Mestre Lima de Freitas, n.º 1, 1549 - 012 Lisboa

Tel.: +351 21 710 00 14

Fax: +351 21 710 00 37

E-mail: [geral@unac.pt](mailto:geral@unac.pt)

[www.unac.pt](http://www.unac.pt)

# 1. O Projeto “Programa de Valorização da Fileira da Pinha/ Pinhão”

O pinheiro manso constitui, actualmente, uma das espécies florestais mais interessantes, assumindo um papel preponderante na economia das explorações agro-florestais mediterrânicas, sendo uma das fileiras emergentes mais relevantes do sector produtivo primário. Com um mercado vocacionado principalmente para a exportação, a Fileira da Pinha/Pinhão pode assegurar um contributo efectivo para o reforço do valor económico dos espaços agro-florestais mediterrânicos, e para a redução do risco de abandono e de desertificação territorial.

Não obstante todas as mais-valias que já possui, assim como muitas potencialidades por desenvolver, esta cultura possui ainda vários constrangimentos ao seu desenvolvimento.

Foi para dar resposta a estas necessidades que a UNAC - União da Floresta Mediterrânica está a executar o Projecto “Programa de Valorização da Fileira da Pinha/Pinhão” uma iniciativa QREN, apoiada no âmbito do INALENTEJO, cujo investimento ascende a 113.660,47 euros, com co-financiamento FEDER de 79.562,33 euros.

## 1.1 Análise do Mercado da 1.ª Comercialização de Pinha

Uma das principais lacunas existentes é a ausência de informação atualizada e periódica sobre o mercado da pinha. Considerou-se por isso que, face à importância que a pinha e o pinhão representam para o País, era necessário iniciar a implementação de um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento do mercado aos produtores.

Com o projeto *Programa de Valorização da Fileira da Pinha/Pinhão* (Atividade 1.1 Diagnóstico e Análise do Mercado da 1.ª Comercialização de Pinha) foi efetuada a recolha junto dos produtores de pinha dos indicadores-chave que permitem caracterizar a evolução e tendências do mercado da pinha (quantidades produzidas e transacionadas, forma de apanha, forma de comercialização, preço de venda, preço de apanha, características do processo de apanha, área intervencionada).

O sucesso desta importante iniciativa, que constitui a única forma de se obter uma perspectiva das tendências e preços da comercialização da pinha no decurso da campanha, dependeu exclusivamente da colaboração dos produtores florestais.

Por esse facto, agradecemos a todos os associados que, ao responder ao inquérito, confiaram na sua Associação para partilhar informações, promovendo o desenvolvimento do sector produtivo da pinha.



## 2. Incidência das Campanhas

### 2.1 Condições Climáticas

A produção de pinha caracteriza-se por apresentar alternância, também designada de safra e contra-safra, e por estar intimamente ligada às condições meteorológicas, existindo uma correlação positiva entre os factores climáticos e a produção anual, o que justifica as crónicas acentuadas variações interanuais:

- Quando a produção de pinha é muito elevada, o desenvolvimento deste número elevado de pinhas recorre a todos os recursos energéticos da planta inibindo a indução da floração para o ano seguinte, ou seja, a produção de pinha que vai ocorrer três anos mais tarde;
- O regime de precipitação ao longo dos três anos e das diferentes etapas de desenvolvimento das pinhas é determinante para o desenvolvimento da pinha e do pinhão. Anos secos podem induzir a formação de um número mais reduzido de flores femininas (estróbilos), de taxas de abortos mais elevadas e de pinhas e pinhões de menor dimensão.

A diferenciação da flor no gomo ocorre no Outono anterior ao aparecimento da flor feminina. O período de floração varia em função da localização geográfica concentrando-se geralmente entre os meses de Março a Junho, com as flores masculinas a aparecerem no início da primavera e as femininas no final.

A pinha necessita de três períodos vegetativos para completar o seu amadurecimento. Ainda que a polinização se efectue só na primeira primavera, a fecundação realiza-se apenas na terceira Primavera, a partir da qual se completa o desenvolvimento, atingindo a pinha a sua dimensão final no fim desse verão. A abertura natural das pinhas surge a partir da primavera seguinte.

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1.º ANO					FLORAÇÃO	FLOR POLINIZADA						
2.º ANO	FLOR POLINIZADA											
3.º ANO	FLOR POLINIZADA	FECUNDAÇÃO										

De uma forma geral, e de acordo com o IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) as regiões a Sul do Tejo são as mais vulneráveis e as que têm sido mais afectadas por situações de seca. O estudo efectuado para Portugal Continental do valor mensal do índice PDSI (índice de seca Palmer Drought Severity Index) por décadas, desde 1961 até 2000, de forma a verificar como evoluíram os episódios de seca, conclui que nas duas últimas décadas do século XX observou-se uma intensificação da frequência de secas, em particular nos meses de Fevereiro a Abril.

A nível climatológico, e tendo em consideração o período que originou o desenvolvimento das pinhas das campanhas 2012/2013 e 2013/2014, o período de 2009 a 2013, foram várias as ocorrências com impacto potencial na produção de pinha.

TABELA 1: Principais Ocorrências Climatológicas com Impacto Potencial na Produção de Pinha

Fonte: Boletins Climatológicos (IPMA)

ANO	OCORRÊNCIAS
2009	Nos meses de Março, Abril e Maio os valores de precipitação foram inferiores ao valor médio os quais contribuíram para que neste ano de 2009 a Primavera fosse a mais seca desde 1931. Situação de seca entre Março e Outubro em todo o Continente.
2010	Ano mais chuvoso da última década (2001-2010), com 1063mm, o que supera em quase 20% o valor da normal 1971-2000. Precipitação intensa em Fevereiro no Continente (Fevereiro mais chuvoso dos últimos 24 anos). Abril mais quente dos últimos 13 anos (para a temperatura máxima). Registo de 4 Ondas de Calor em Portugal Continental, nos meses de Maio (1), Julho (2) e Agosto (1).
2011	Meses de Maio e Outubro foram os mais quentes desde 1931, em relação ao valor da temperatura máxima do ar e Abril foi o segundo mais quente na temperatura média e máxima do ar, também desde 1931. Também as temperaturas mínimas em Abril e em Maio estiveram muito acima do valor normal.
2012	Meses de maior pluviosidade com precipitação muito baixa (quase nula em Fevereiro); o seu valor acumulado em 31 de Maio era muito inferior ao normal (61%). Nesta data, 6% do território encontrava-se em seca fraca, 19% em seca moderada, 30% em seca severa e 44% em seca extrema, traduzindo o resultado do período de seca verificado de Dezembro a Março (em Fevereiro e Março 100% do território esteve em seca severa ou extrema).
2013	O trimestre Março-Maio, com uma temperatura média de 13.17 °C, foi 0.43 °C inferior ao valor normal, depois de 20 anos consecutivos (1994-2012) com valores superiores ao valor médio. Assim a primavera de 2013 é a mais fria desde 1993. O valor médio da quantidade de precipitação no trimestre Março-Maio no Continente, 318.9 mm, foi muito superior ao valor normal (+107.5 mm), sendo o 3º mais elevado desde 1972.

## 2.2 Incêndios Florestais, Pragas e Doenças

A incidência dos incêndios florestais em pinheiro manso não teve, de uma forma geral, um impacto muito significativo.

Em 2012, as estimativas (ICNF, 2012) apontam para uma área total ardida de cerca de 2.788 hectares maioritariamente ocorridos no grande incêndio florestal de Catraia, que afectou os concelhos de Tavira e São Brás de Alportel, e onde os povoamentos florestais maioritariamente atingidos foram de sobreiro e pinheiro manso. Ainda assim, e no que concerne à produção de pinha, esta é uma região com reduzida representatividade na produção nacional.

Em 2013, e não obstante ainda não estarem disponíveis dados de áreas ardidas por espécie florestal, a reduzida área ardida ocorrida nos distritos produtores de pinha, permite concluir que esta não teve impacto na produção de pinha.

Relativamente à incidência de pragas e doenças com impacto potencial na produção de pinha e/ou pinhão, esta está associada a quatro agentes bióticos: 3 insectos - *Pissodes validirostris* (gorgulho da pinha), *Dioryctria mendacella* (lagarta da pinha) e *Leptoglossus occidentalis*; e 1 fungo *Diplodia pinea*, agente causador de “Dieback do pinheiro”.

*Pissodes validirostris*



*Dioryctria mendacella*



*Leptoglossus occidentalis*



Fonte: INIAV

Dada a baixa produção de pinha que caracterizou estas duas campanhas, os impactos destes agentes bióticos foi mais evidente.

Saliente-se também que apesar de em 2010 ter sido detectada pela primeira vez em Portugal uma nova praga exótica (*Leptoglossus occidentalis*), cuja ocorrência estaria associada a reduções drásticas da produção de pinhões, ainda não existem evidências científicas que suportem esta referência.

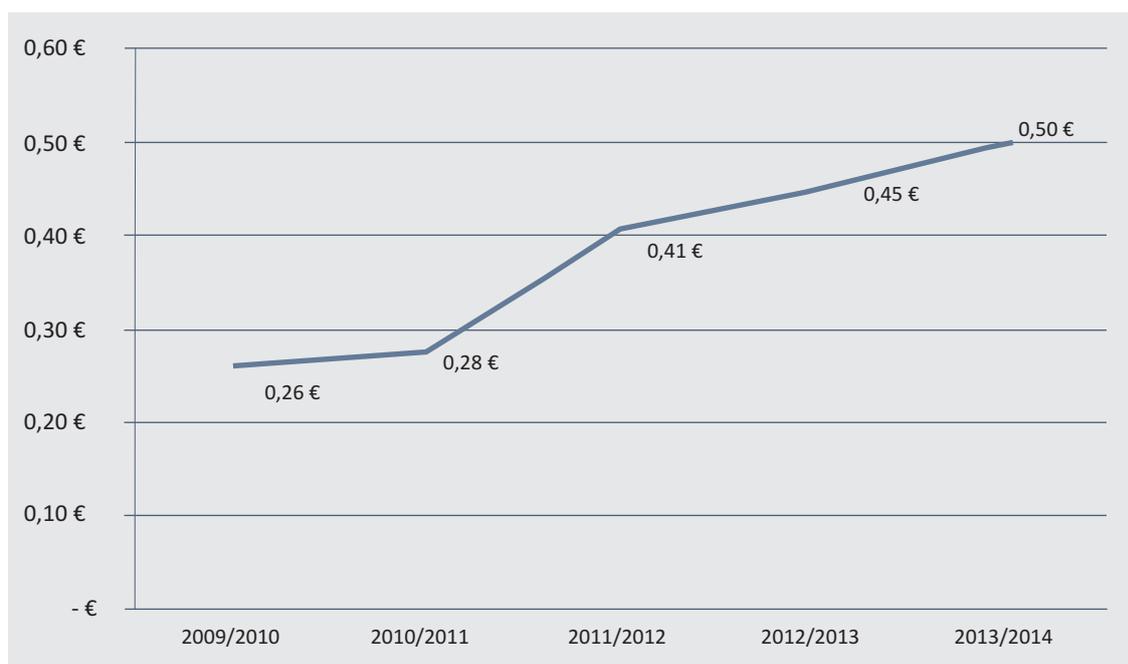
### 3. Custos da Apanha de Pinha

Os custos médios de apanha manual de pinha registados nas campanhas de 2012/2013 e de 2013/2014 foram de 0,45 €/kg e de 0,50 e/kg, respectivamente. A análise à evolução dos valores evidencia um acréscimo significativo com os custos de apanha nas últimas campanhas, traduzindo o decréscimo de produção ocorrida nas últimas 3 campanhas.

Os custos da apanha mecânica, a qual normalmente é complementada também com alguma colheita manual (para apanhar pinhas que não caem após a vibração), têm atingido custos de cerca de metade do custo manual.

GRÁFICO 1: Evolução dos custos de Apanha Manual de Pinha (€/Kg)

Fonte: UNAC



## 4. Caraterização da Campanha 2012 / 2013

### 4.1 Enquadramento das Campanhas

Estas duas campanhas foram antecedidas por três campanhas de tendências produtivas totalmente diferentes:

TABELA 2: Caraterização Produtiva das Campanhas Anteriores

Fonte: UNAC

CAMPANHA	TENDÊNCIA PRODUTIVA
2009/2010	Campanha de boa produção.
2010/2011	Campanha de excepcional produção (recorde produtivo).
2012/2013	Campanha de fraca produção.

A perspectiva, pelas observações nas árvores, era de uma produção reduzida, o que se veio a confirmar.

Destaque ainda, com efeito na campanha de 2013/2014, para a publicação da ficha doutrinária disponibilizada em 12 de Dezembro de 2013 pela Autoridade Tributária e Aduaneira, relativa à aplicação da taxa reduzida de 6% do IVA nas transações de pinha de pinheiro-manso.

#### 4.1.1 Oferta e Procura

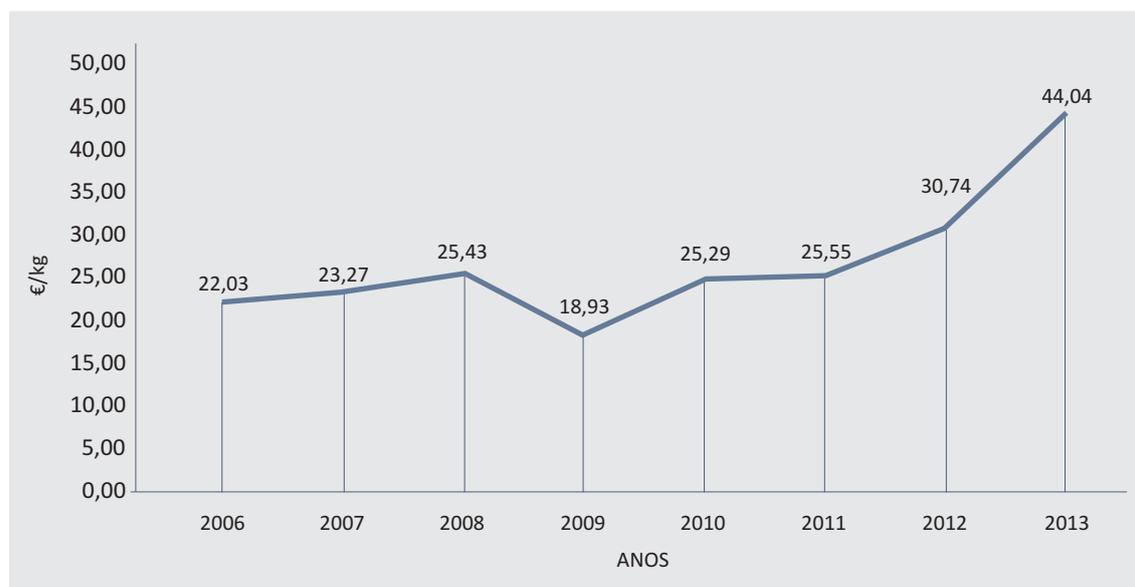
As campanhas de 2012/2013 e de 2013/2014 mantiveram a tendência da campanha anterior, caracterizando-se por uma muito reduzida produção de pinha, levando muitos produtores a optar pela não colheita de pinha (as receitas não compensariam os custos de apanha).

A reduzida produção e a elevada procura originaram as seguintes consequências:

- Subida dos preços da pinha e do pinhão;
- Indústria sem matéria-prima a ter de recorrer à importação.

GRÁFICO 2: Evolução da cotação de miolo de pinhão entre 2006 - 2013

Fonte: Lonja de Reus



A análise da evolução da cotação de miolo de pinhão 2006 - 2013 na Bolsa de Reus (mercado entre a indústria e a distribuição) é elucidativo quanto ao aumento de preço ocorrido, cerca de 76% entre 2011 e 2013.

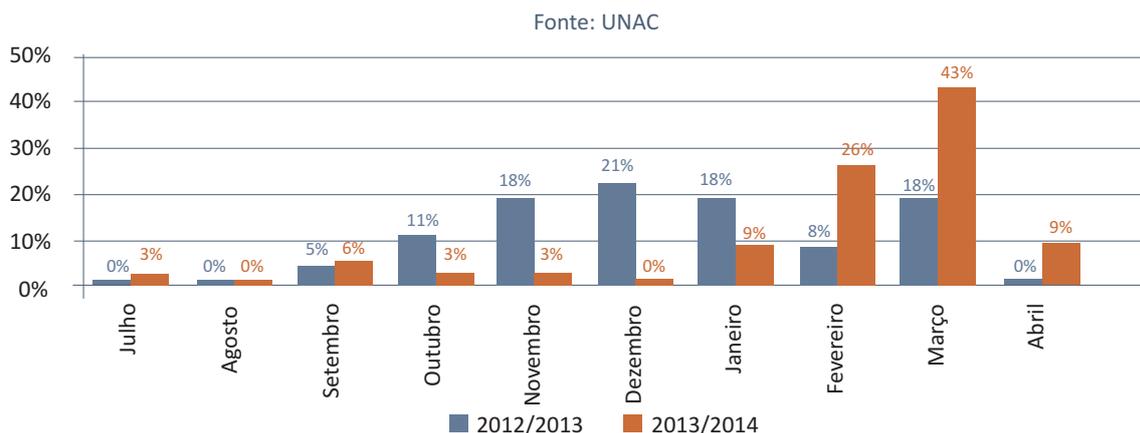
Esta situação de escassez de pinha fez com que algumas empresas reduzissem a sua actividade, ajustando-a à actual disponibilidade de matéria-prima.

Destaque ainda para o facto de a indústria referir a existência de uma quebra no rendimento do pinhão, que de uma média histórica de 3,5% a 4%, estaria agora em cerca de 2,5%.

A análise à evolução do número de vendas de pinha ao longo das campanhas, no âmbito dos inquéritos validados, permite constatar comportamentos de mercado diferenciados entre as duas campanhas em análise. Em 2012/2013 as transacções tiveram um comportamento mais habitual, um início no período que antecede à época de apanha legal (Setembro a Novembro, com 34%), aumentaram no período inicial (Dezembro a Janeiro, com 39%) tendo decrescido em Fevereiro e aumentado em Março.

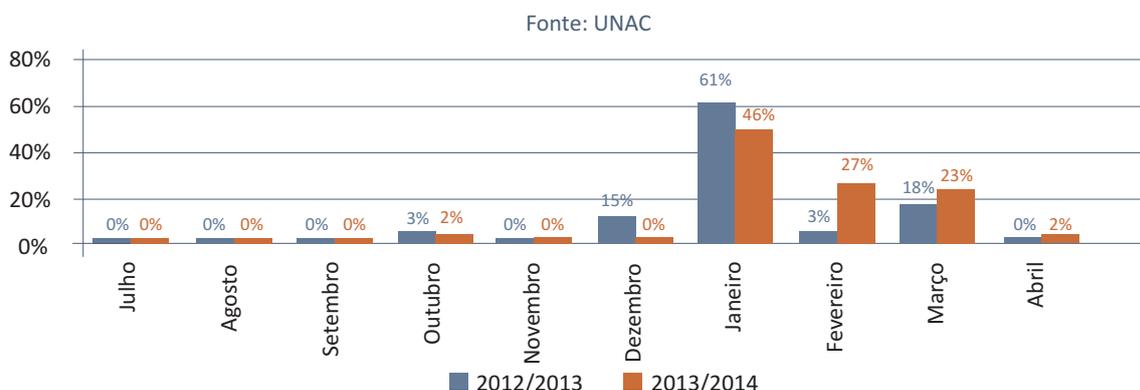
A campanha 2013/2014 teve um comportamento algo diferenciado: poucas transacções entre Julho e Dezembro (14%), um início fraco em Janeiro (9%) e uma concentração das transacções no período de Fevereiro e Março (69%), tendo-se prolongado ainda por Abril.

GRÁFICO 3: Evolução do Número de Transações de Pinha



Quando analisamos a evolução da quantidade de pinha transacionada (considerando aqui só as transações cuja quantidade é conhecida, ou seja, excluindo as vendas na árvore), constatamos que em ambas as campanhas o período de maior concentração coincide, como é expectável, com o período de apanha legal da pinha, entre Dezembro e Março.

GRÁFICO 4: Evolução da Quantidade de Pinha Transacionada



## 4.2 Resultados dos Inquéritos de Pinha de 2012/2013 e de 2013/2014

O inquérito foi realizado através das organizações de produtores florestais filiadas na UNAC aos seus associados. Os resultados obtidos de forma individual foram remetidos à UNAC (sem identificação do associado, garantindo-se a confidencialidade das informações) para tratamento e análise.

### 4.2.1 Caracterização do universo dos inquéritos

Uma caracterização genérica do universo das respostas obtidas, está patente na Tabela abaixo.

TABELA 3: Caracterização dos Inquéritos por Campanha

Fonte: UNAC

CAMPANHA	2012/2013	2013/2014
N.º de Inquéritos	51	69
Quantidade de média de pinha vendida por inquérito *	22.545 kg	8.962 kg
Quantidade total de pinha vendida *	586.170 kg	430.156 kg

\* Considerando venda de pinha pesada

- Foram recepcionados como válidos 120 inquéritos distribuídos pelas duas campanhas;
- A quantidade total de pinha vendida foi de cerca de 586 toneladas na campanha 2012/2013 e de cerca de 430 toneladas na campanha 2013/2014;
- A quantidade média de pinha vendida por inquérito reduziu-se entre as duas campanhas, o que evidencia a quebra na produção ocorrida;

Relativamente à distribuição territorial das transacções ocorridas, constata-se que estas são provenientes de 6 NUT III (ver Tabela 4). A NUT III do Alentejo Litoral foi onde se registou a maior quantidade de pinha transaccionada, reflectindo a maior área e a sua vocação produtiva (muito superior à do Baixo Alentejo, por exemplo).

TABELA 4: Distribuição da Pinha Transaccionada por NUT III (%)

Fonte: UNAC e IFN5

NUT III	Quantidade de Pinha Transaccionada (%)		Área de Pinheiro manso Total (ha)
	2012/2013	2013/2014	
Beira Interior Sul	0,0%	0,3%	75
Alto Alentejo	0,0%	15,7%	6.415
Alentejo Central	2,5%	2,1%	11.370
Alentejo Litoral	96,7%	75,8%	36.171
Lezíria do Tejo	0,3%	2,1%	15.563
Baixo Alentejo	0,0%	3,9%	17.789

#### 4.2.2 Colheita e Comercialização

A colheita de pinha no âmbito destas duas campanhas foi efectuada de forma manual para a totalidade dos produtores florestais inquiridos. A ausência da colheita mecanizada deve-se à reduzida produção ocorrida que não permite rentabilizar os custos associados a este método.

Relativamente à responsabilidade da apanha da pinha (que pode ser realizada pelo produtor ou, quando a pinha é vendida na árvore, realizada pelo comprador), constata-se uma alteração entre as duas campanhas, com um aumento no número de compradores que assumiram a responsabilidade da colheita na campanha 2013/2014.

TABELA 5: Responsabilidade da Apanha da Pinha (%)

Fonte: UNAC

Responsabilidade da Colheita	Nº de Produtores (%)	
	2012/2013	2013/2014
Produtor	41%	67%
Comprador	59%	33%

Relativamente à modalidade da venda da pinha (que pode ser realizada por pesagem, após a apanha, ou na árvore, quando a pinha é vendida antes da apanha), mantém-se a tendência de alteração entre as duas campanhas, com um aumento no recurso à pesagem na campanha 2013/2014. Efetivamente, cerca de 69% dos produtores efetuaram a venda de pinha por pesagem.

TABELA 6: Forma de Comercialização de Pinha (%)

Fonte: UNAC

Comercialização da Pinha	Nº de Produtores (%)	
	2012/2013	2013/2014
Pesagem	54%	69%
Na árvore	46%	31%

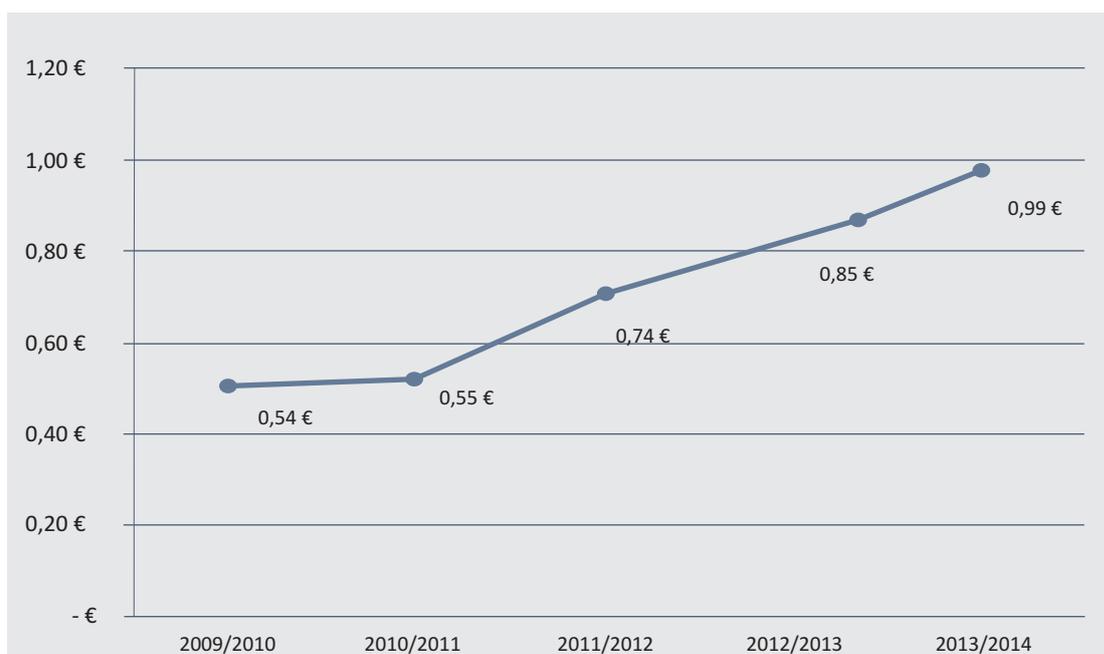
Estas alterações entre campanhas podem ser justificadas pela quebra de produção de pinha, o que pode ter originado uma redução nas abordagens pelos industriais de compra de pinha na árvore.

### 4.2.3 Preços de Comercialização

A análise ao preço médio da campanha, e à evolução dos preços ao longo dos últimos anos, evidencia um aumento do preço, o qual está diretamente associado à redução da produção de Pinha.

GRÁFICO 5: Evolução dos Preços Médios de Comercialização de Pinha (€/kg)

Fonte: UNAC



**UNAC-UNIÃO DA FLORESTA MEDITERRÂNICA**

R. Mestre Lima de Freitas, n.º 1, 1549 - 012 Lisboa

Tel.: + 351 21 710 00 14 Fax: + 351 21 710 00 37

E-mail: [geral@unac.pt](mailto:geral@unac.pt)

[www.unac.pt](http://www.unac.pt)